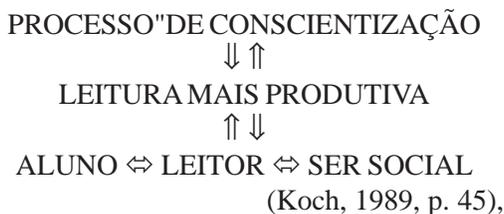


UMA LEITURA (PRODUTIVA) DE OBRAS LITERÁRIAS NO ENSINO MÉDIO: ESTRATÉGIAS E PERIGOS

Robson Coelho TINOCO¹

- **RESUMO:** Este trabalho propõe estratégias para o professor desenvolver, em sala de aula, atividades de leitura (mais produtiva e conscientizadora) de textos literários. Essas estratégias, conforme demonstram o quadro abaixo, consideram o aluno como elemento social inserido em um dado momento histórico que é resultado de experiências culturais anteriores e atuais, condicionadas pelas normas da língua e meios de expressão das linguagens.



- **PALAVRAS-CHAVES:** Comunicação; leitura literária; recepção; conscientização ético-estética; literatura e sociedade.

A atividade do leitor-receptor de literatura se estrutura pela reconstrução, a partir da linguagem, de um dado contexto sócio-histórico, articulando-se com outros, que se representam pelas e nas vivências pessoais do sujeito – suas experiências mundo-vida. A obra literária apresenta uma série de informações potenciais, também em “estado de dicionário”, como diria Drummond, que são atualizadas pelo sujeito – leitor-receptor – com o ato devidamente produtivo da leitura. Quando este ato é reflexo dos interesses (obrigatórios, mas sobretudo opcionais) do leitor, desencadeia-se em tal processo de integração / identificação (autor ó texto/mundo ó leitor) o que pode se considerar como *prazer da leitura*.

Neste(s) sentido(s) de *opção* e *obrigação* de leitura, toda forma de linguagem, entre elas a literária, expressa uma informação que, devidamente apreendida e avaliada, pode se prestar a ser um fator de aprimoramento intelectual e mesmo de convivência social. Articulado a outros elementos fundamentais (estrutura, conteúdo, literariedade, originalidade) para uma leitura produtiva de obras literárias, o contexto sócio-cultural deve ser avaliado como o meio onde a mensagem se transforma e a linguagem, “mostrando-se” à pessoa, revela sua faceta de comunicação e poder.

¹ Universidade de Brasília – UnB.

A linguagem escrita – e como um de seus componentes, a linguagem literária – deve cumprir o papel de transformar a pessoa em um leitor consciente na medida em que ele exerce a atividade de ler de maneira produtiva e reveladora; na medida em que, mais que a obra, ele “lê”, por meio dela, o(s) mundo(s) do autor e dele próprio, leitor. Neste sentido, percebe-se uma articulação possível entre a teoria da Estética da Recepção, pelos conceitos de Robert Jauss, por exemplo, e a análise de Eni P. Orlandi (1988), em que a autora afirma que a leitura é produzida em condições determinadas, ou seja, em um momento histórico que deve ser levado em conta.

Entenda-se que no exercício da leitura literária não deve haver separação entre “processo e produto”, pois na interlocução o sentido se constitui a cada momento de forma múltipla e fragmentária. *Múltipla*, porque cada leitura se integra à particular experiência mundo-vida de cada leitor; *fragmentária*, porque “fragmento de vida” representa uma determinada circunstância e situação em que ela (a leitura) é realizada. Esta relação dinâmica entre atos de conhecimento (processo) e coisa produzida (produto) finda por representar a linguagem – o exercício produtivo de ler, *recebendo* o que o texto oferece de criatividade, ambigüidade intencional, poesia, novidade.

Assim considerada, esta leitura não é mera apreensão de um sentido escrito, mas um processo determinado por elementos que são mesmo mais técnicos (paragrafação, construção frasal, teor argumentativo etc.) e outros elementos propriamente estilísticos (criatividade, neologismos, teor poético etc.), fundamento principal de textos literários. Todavia vários são aos autores, entre eles Orlandi (1989) e Marisa Lajolo (1993) que observam o quanto a escola tem cometido o erro de igualar tudo.

O que se propõe como eficiente (e produtiva) leitura literária é: “Ler” o mundo em uma obra escrita; “ler” as marcas de um Homem-Sujeito que faz do mundo seu Objeto de existência e comunicação – Homem-autor que está no mundo e fora dele: Transformador-sujeito-transformado em fonte viva de acumulação de suas próprias experiências de vida e mais as das outras pessoas. Jauss, dentre outros, na base teórica de suas considerações sobre o leitor considerado como “a 3ª. via” (uma seria o autor, outra o texto), trata dessa questão primordialmente.

Para essa “leitura produtiva” é fundamental avaliar a obra literária escrita como linguagem mostrando o mundo, porque o revela, na medida em que o leitor se percebe refletido nela. Tem-se, enfim, como uma das conseqüências deste processo comunicativo, um leitor que “lê melhor”, porque “lê mais”, apreendendo mais conscientemente (e literariamente) as informações, pelo fato de ter aprimorado sua leitura, ao considerar a importância de ler a obra como revelação própria de si mesmo.

Uma boa leitura faz-se por meio de um processo consciente de apreensão ética-estética em que ela, produtivamente, mostra-se como representação de consciência que busca “*Quem?*” é o Sujeito que lê e “*O Quê?*” é o Objeto lido, pois o ato de ler

nada mais é que reflexo direto do *hábito* de ler ou, antes, quanto mais se está habituado a ler, melhor se estabelece este ato representando uma, dentre tantas, “função social” (Camacho, 1988, p. 29).

Voltando, pois, ao conceito proposto “*Ler bem: um Estado de Consciência Ético-Estética*”, onde a idéia-base é a de que *ler bem* (gera um) *estado* (eficaz) de *Recepção* (produtiva), surgem as seguintes constatações:

1. A pessoa alfabetizada pode ler as formas das palavras sem saber ainda “desvendar” suas muitas possibilidades de significado nos vários contextos; portanto, mais “vê” do que lê (desvendando a leitura feita).
2. A pessoa inconsciente de sua função ético-estética de leitor-receptor, lê sem propriamente “chegar” ao texto; lê sem o “ler direito” por motivos como: impaciência, preguiça advindas de obrigação escolar; interesses efêmeros (concursos vários, vestibular etc.); mera imposição sócio-intelectual.
3. A pessoa consciente (produto de um processo de conscientização social que promove o processo verbal) lê pelo prazer do ato em si ou pelo “prazer da necessidade” de ampliar conhecimentos e dar vazão a suas necessidades artísticas; lê como obrigação sim, que, todavia, leva ao aprimoramento da paciência, da percepção da própria expressão verbal e artística; leva, mesmo, ao aprimoramento do conceito de cidadania.

Em resumo, pode-se dizer das pessoas, aqui consideradas leitores-receptores que:

- a) O Sujeito aleatoriamente alfabetizado mais vê, pouco lê;
- b) o Sujeito inconsciente do “processo de leitura” do qual ele próprio, enquanto agente, faz parte, não lê propriamente, pensando que lê bem, ou nem pensa em nada e
- c) o Sujeito consciente e sensível “vê” (percebendo sutilmente) o que “não precisa” ser lido; classifica, seleciona muito melhor e mais rapidamente as informações e, aprofundando-as, “lê” a *essência* do texto, ou melhor, lê também sua essência. Lê bem, enfim.

Aprender a essência de uma mensagem qualquer, seja em uma leitura atenta do complexo *Ulysses*, de James Joyce ou do *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, tanto quanto na leitura de informações intencionalmente implícitas de um texto publicitário ou de um bilhete, repleto de gírias e anglicismos, escrito, por exemplo, por um jovem surfista para sua namoradina, sempre requer, mesmo pouca ou muita, uma atitude reflexiva. Reflexão que já é compreensão e, ao se tratar especificamente de atividades de leitura, segundo Ezequiel Theodoro Silva, “não basta decodificar as representações indicadas por sinais e signos; o leitor porta-se diante do texto transformando-o e transformando-se” (1992, p. 44).

Refletir sobre uma leitura literária que se faz, percebendo que “sob” ela estão as raízes produtoras da mensagem essencial do autor, e sua concepção de literariedade, é compreendê-la além da simples representação verbal de um texto escrito; é perceber esses três propósitos da leitura, relacionados por Silva (1992, p. 45) como os fundamentos de uma produtiva reflexão: compreender a mensagem, compreender-se nela e compreender-se por ela.

Ampliando a discussão para textos em geral e para o complicado conceito de educação, o que é também importante, neste processo de leitura produtiva, a informação subjetiva gera informação mais objetiva que, analisada e compreendida, promove aberturas para uma nova análise subjetiva e assim sucessivamente. Ao seguir esta linha de argumentação – e um sistema em que *educação libertadora* gera um *plano de conscientização (ético-estética)* promotora de uma *leitura crítica (produtiva)* –, é possível concordar com Silva quando o autor estabelece que:

1. Educação libertadora são “atos livres que levam a refletir, interpretar, compreender” e
2. Leitura crítica são “atos de constatar, comparar e transformar” (1992, p. 80):

Plano de conscientização ético-estética: ler a palavra literária carregada de mundo

Este inovador processo conscientizador ético-estético se revela em um determinado *plano* que leva em conta a condição primeira de, pela reflexão e pelo questionamento, libertar-se de tudo que se mostra, a princípio, politicamente correto, filosoficamente reacionário, psicologicamente simples. Esses três níveis teóricos surgem como componentes de uma estrutura social tradicional e ultrapassada, porque fechada em si mesma – estrutura que tem na própria preservação inquestionável o único, e por isso injusto, sentido de funcionamento e continuidade. A teoria da estética da recepção, quanto a estas questões, desenvolve seus estudos refletindo sobre as relações entre autor-texto-sujeito e, por esta linha, procura articular uma análise composta entre a abordagem estrutural e a sociológica.

Note-se que este processo conscientizador (envolvendo percepção sócio-histórica e teoria literária) expõe componentes, e um das mais revolucionários e criticados, e mal trabalhados, é a Leitura. Estar, pois, consciente de que ler é “mais que ver”, já é “ler melhor” e esta consciência é trazida à luz por uma leitura crítica, revelando e refletindo uma função social e artística da pessoa-leitor-receptor. Esta função implica um funcionamento mais integrado entre os vários níveis de comunicação, que vão desde as primeiras informações no convívio familiar, passa pela relação escola-pessoa e se reflete no dia a dia profissional que, se tudo é mesmo um “processo cíclico”, finda por se manifestar de novo na família.

Assim conscientizada num processo de “desenvolvimento intelectual” pelas experiências vividas, uma pessoa pode, quando da fase de sua vida escolar, e enquanto leitor, realizar uma leitura literária mais produtiva no que diz respeito à apreensão das informações subjetivas – suportes das chamadas informações essenciais: composição da própria mensagem pessoal e literária do autor. A questão é que a pessoa se aprimora enquanto desenvolve sua capacidade de refletir, questionar, descobrir – aprimoramento promovido pela conscientização de um ser-agente-receptor consciente de si e do mundo que o cerca.

Por este processo tem-se uma pessoa (potencial leitor-receptor) consciente que

com o aprimoramento da leitura numa percepção estética e ideológica mais aguda e com a visão crítica sobre sua atuação e a de seu grupo, torna-se agente de aprendizagem, determinando ele mesmo a continuidade do processo, num constante enriquecimento cultural e social. (Bordini & Aguiar, 1988, p. 91)

Tem-se um leitor-agente ágil na apreensão do “texto implícito diluído” no texto apresentado pela mensagem escrita; ágil no exercício da reflexão, da descoberta, da análise comparativa e na relação entre informações relevantes ou não para a compreensão de uma dada obra literária.

Uma leitura literária produtiva busca “o contato” com uma pessoa, representada por sua expressão de leitor que percebe, também por este exercício (só o ato consciente de ler não possibilita uma real apreensão do momento sócio-cultural que se vive), uma ampliação de suas capacidades, já que

o processo de recepção se inicia antes do contato do leitor com o texto. O leitor possui um horizonte que o limita mas pode transformar-se continuamente, abrindo-se. Este horizonte é o do mundo de sua vida, com tudo que o povoa: vivências pessoais, culturais, normas jurídicas, filosóficas etc. (1988, p. 87)

CRONOGRAMA PARA APLICAÇÃO DE ATIVIDADES PROPOSTAS

(período proposto: um bimestre letivo / três aulas semanais)

1º MÊS

1ª Semana:

1ª Aula - Avaliação geral das atividades a serem desenvolvidas.

O professor, nesta primeira aula, discutirá com os alunos os objetivos das atividades a serem desenvolvidas, centrando-se na importância de, por meio desse desenvolvimento consciente e criativo, trabalhar a capacidade que cada um tem de realizar uma leitura mais produtiva, do ponto de vista de uma melhor apreensão das informações veiculadas pelos textos apresentados.

Antes do trabalho com obras literárias, esta aula se presta a uma análise geral da realidade sócio-histórica na qual se vive – e nela, a realidade educacional – a fim de que professor e alunos possam, numa discussão aberta e sincera, entender como sendo importante as atividades propostas ao longo do bimestre.

2ª Aula - Distribuição dos temas para pesquisa (com posterior apresentação em sala de aula) sobre Conscientização e desenvolvimento social.

Antes de propor estratégias para uma leitura mais produtiva, o objetivo deste trabalho é avaliar como importante a conscientização da pessoa que lê. Nesta linha de avaliação, o livro aparece como “objeto acabado” pronto para o consumo e o leitor, como “sujeito em acabamento” – ser com possibilidade contínua de aprimoramento de opiniões e conceitos. Partindo desta premissa, antes da leitura (por exemplo, de livros literários) há que se estabelecer todo um trabalho de “consciente disposição” do aluno – leitor-receptor em potencial – ao ato produtivo desta leitura.

A proposta de distribuição de temas gerais para pesquisa visa a oferecer aos alunos as condições básicas para que eles, mediante suas próprias habilidades para discussão em grupo, divisão de tarefas, pesquisas em bibliotecas, coleta geral de dados (e sua pertinência para o trabalho), possam ir se familiarizando com os conceitos implícitos em palavras como “consciência”, “desenvolvimento e contexto sociais”, “grupos sociais”, “conscientização” etc.

Os temas propostos pelo professor, depois dessa preleção com os alunos, seriam os que versassem sobre assuntos como, por exemplo:

- O nível de conscientização política das pessoas no Brasil.
- O sistema educacional como prioridade, ou não, dos governos.
- A relação liberdade X juventude: a vida em sociedade.
- Os métodos de ensino de literatura atuais e a questão da conscientização.
- A escola como ambiente moderno de transmissão de informações.

Observa-se que a atividade de pesquisa sobre estes temas, que não são “fechados” mas fruto de discussão prévia em sala de aula, tem a intenção básica de oferecer ao aluno, através de seu próprio trabalho, as primeiras noções do que seja *conscientização social* para que ele possa perceber mais claramente, ao longo do processo, a importância de ser, também, um “bom leitor”.

3ª Aula - Discussão preliminar sobre “Níveis de Importância” de textos escritos.

A discussão, coordenada pelo professor (que pode dividir a turma em grupos, se desejar), seria estabelecida pelos depoimentos dos alunos frente a leituras anteriormente feitas (livros, revistas, gibis etc.). Ele deve, todavia, buscar encaminhá-la para a avaliação de alguns pontos tais como:

- O hábito de ler textos simples (histórias infantis, por exemplo), desde criança, ajudariam na leitura de textos mais complexos (um romance de uma escola literária)?

- A “postura” do leitor frente a textos de assunto não específico – os literários, por exemplo – tem que ser necessariamente diferente, ou os variados textos exigem o mesmo grau de atenção do leitor à leitura feita – avaliação sobre informações implícitas e explícitas no texto?

- Ler gibis, revistas variadas (sobre esportes, moda, música etc.) tem sua importância dentro do contexto cultural em que se vive?

Esta discussão, sendo um elemento de introdução geral do aluno quanto à conscientização, deve, se possível, ater-se aos pontos elencados acima e a uma aula. Ressalva-se que estes “limites” de assunto e tempo devem ser respeitados à exata medida em que o professor considere que o debate proposto serviu ao intuito básico – o de despertar o aluno para algumas considerações sobre:

1. A importância sócio-cultural dos variados tipos de textos escritos, sobremaneira literários;
2. a validade da leitura desses textos também na escola e
3. o fato de toda leitura, desde que se esteja consciente de sua função, ter seu grau de necessidade e utilização.

2ª Semana:

1ª Aula - Leitura de três textos propostos com diferentes níveis de construção para análise dos alunos.

Oferecendo textos não muito longos, o professor, mediante análise comparativa entre eles, pode levantar alguns indicadores de intenção dos autores ao escrevê-los. Essa análise permitiria aos alunos perceberem que a linguagem, quanto mais “desviada” de sua linearidade gramatical-discursiva, mais exige do leitor uma efetiva disposição para apreendê-la em suas possibilidades de expressão.

Avalia-se este exercício de “habilidade interpretativa” como positivo à medida em que o aluno-leitor (decodificador de mensagens) passe a avaliar o trabalho com a expressão escrita como algo mais amplo mais do que alinhar palavras em uma dada seqüência lógica, mesmo em se tratando de um texto dissertativo, que prima por esta logicidade textual. Como exemplo, o professor poderia oferecer à turma: a) Um texto publicitário; b) Um poema curto; c) Um trecho de texto dissertativo.

2ª Aula - Leitura de um texto técnico e um texto poético que tratem do mesmo assunto para avaliação pelos alunos da seguinte questão:

Um texto literário, por ser uma “obra aberta”, exige uma leitura mais atenta?

A intenção no desenvolvimento desta atividade é a de esclarecer para os alunos que há diferenças “quanto à intenção” com que se deve ler determinadas obras.

Deve ficar claro para eles que há obras cujo interesse básico é informar com concisão e objetividade ao leitor (caso de uma notícia de jornal) e outras em que o

autor, mais que informar, preocupa-se em “transformar” a linguagem padrão fazendo uso de uma ambigüidade intencional trabalhada com recursos poéticos expressos por elementos subjetivos (caso de um poema, um conto, um romance).

O professor, para tanto, dividirá a sala em grupos a fim de que, depois das leituras e discussões prévias feitas, sejam apresentadas e debatidas as opiniões dos alunos com o intuito de se avaliar “as intenções” dos autores, ao escreverem seus textos, e as “intenções” de leitura. A apresentação das opiniões de cada grupo, coordenada pelo professor, será feita na aula seguinte.

Observação: Esta aula tem também a intenção de complementar a análise sobre os “Níveis de compreensão” para leituras de textos distintos, atividade desenvolvida na 1ª Aula da 2ª Semana.

3ª Aula - Produção de texto

Esta aula fica reservada ao trabalho com a produção de textos breves como um parágrafo dissertativo ou um texto descritivo de objetos ou mesmo pessoas da sala de aula.)

É importante que o professor avalie com os alunos que o processo de leitura envolve outras expressões como a da escrita, em que, à medida que melhor se produz um texto (levando em conta todos seus níveis de construção), melhor são fixadas as estruturas frasais, gramaticais e, portanto, melhor e mais facilmente estas estruturas serão *lidas* em uma leitura mais produtiva porque mais consciente dos elementos que a compõem.

3ª Semana:

1ª Aula - Leitura proposta de livros característicos da Escola Literária a ser estudada e divisão de grupos para pesquisa de informações sobre a época referente (aspectos da religião, artes, ciências, hábitos sociais, políticas etc.).

Como atividade voltada à leitura de obras das Escolas Literárias, o professor pode iniciar esta aula avaliando a importância em se ler tais obras, cujos conteúdos representam a própria evolução histórica do país.

Ao término dessa avaliação o professor apresentará a relação dos livros que caracterizaram determinada Escola, ponderando que eles são reflexo de toda uma época estruturada pelos mais variados aspectos culturais (religião, política etc.) cuja composição será pesquisada pelos alunos, divididos em grupos, e posteriormente apresentada para melhor posicioná-los frente à leitura feita e sua relação com a época atual.

Em se tratando do Romantismo, por exemplo, os livros da Escola Romântica seriam distribuídos aos grupos (poderia ser um mesmo título a cada um deles), que também ficariam responsáveis por pesquisar um determinado aspecto sócio-cultural da época, neste caso, basicamente o século XIX.

2ª Aula - Apresentação de temas pesquisados (distribuídos na 2ª Aula, 2ª Sem.).

3ª Aula - Idem.

4ª Semana:

1ª Aula - Idem.

Nessas aulas os alunos, previamente divididos em grupos e orientados pelo professor, apresentarão as pesquisas feitas avaliando-as sob o ponto de vista de sua estruturação e devem levar em conta elementos como:

- dificuldades encontradas para a reunião do material a ser pesquisado;
- divisão das funções, e seu critério, para cada componente do grupo;
- manifestação da opinião própria do grupo frente às opiniões (conceitos, idéias, análises dos autores) dos textos pesquisados;
- relação do tema da pesquisa com a questão da “conscientização da pessoa”;
- preocupação de promover um debate, sobre as opiniões manifestadas, com os outros grupos.

Observação: Esses elementos, como norteadores da composição da pesquisa apresentada, devem ser discutidos com os alunos ainda quando da distribuição dos temas propostos, direcionando assim o trabalho a ser desenvolvido e facilitando a eles sua própria execução.

2ª Aula - Texto proposto para análise (experiência para uma leitura consciente).

Após a leitura:

- a) Levantamento das palavras desconhecidas (trabalho com dicionário).
- b) Relação, feita pelos alunos, dos pontos importantes do texto, com breve explicação escrita dos motivos das escolhas desses pontos. Esta relação e comentários serão utilizados, na aula seguinte, como subsídio às análises dos alunos.

3ª Aula - Idem.

Essas aulas representam um efetivo início de trabalho com os alunos no intuito de promover uma leitura mais produtiva, furto de uma conscientização “despertada” pela aplicação das atividades anteriores compondo mesmo um “processo conscientizador”.

Esse processo, construído a cada aula até aqui vivenciada, vem num ritmo contínuo de aprendizagem e expressão como resultado do desenvolvimento psico-social da pessoa ainda na sua família, na relação com os amigos, nos primeiros contatos com escola, cuja responsabilidade não é a de criar pessoas conscientizadas de sua função social (e nela, a função de leitor) mas, antes, de “despertar” e “aprimorar” nessa pessoas o que elas têm de *potencialidade de conscientização ético-estética*.

Seguindo, pois, este *processo de vida*, é que a escola encontra seu espaço e momento. Agente transformador, ela pode oferecer subsídios – mediante processos

realistas de aprendizagem – que auxiliem os alunos a, conscientizando-se, realizarem melhor suas atividades diárias.

Os alunos deverão avaliar o texto lido levando em conta itens, previamente discutidos, como:

- interesse despertado pela leitura;
- envolvimento com a trama narrativa;
- aspectos da linguagem utilizados pela autor (pontuação, neologismos etc.);
- nível de acompanhamento da linha narrativa (“grau de dificuldade” para acompanhar o desenrolar da narração);
- a construção dos personagens (“grau de complexidade” do aspecto psicológico dos personagens);
- mensagens implícitas ao longo do texto;
- a relação da leitura feita e sua aplicação, como componente de aprimoramento social, à própria vida do aluno.

Ao professor cabe, relembrando os alunos da importância de se estruturar a análise na avaliação desses itens (não necessariamente todos), organizar e coordenar a apresentação das leituras feitas procurando torná-las informativas dos pontos principais do texto e não simples descrições de resumos, por vezes exageradamente detalhados. Cabe a ele conseguir “agilizar” as apresentações de forma que, nessas duas aulas, o maior número possível de alunos possa se manifestar; deve, todavia, antes de qualquer intenção de se respeitar o “limite” de tempo proposto, ter a preocupação de permitir uma expressão livre e pessoal ao aluno que desejar manifestar-se.

2º MÊS

1ª Semana:

1ª Aula - Apresentação das pesquisas feitas (atividade da 1ª aula, 3ª Semana do 1º Mês) sobre os aspectos gerais da sociedade da época referente à Escola Literária estudada no período letivo.

2ª Aula - Idem.

3ª Aula - Idem.

2ª Semana:

1ª Aula - Idem.

2ª Aula - Idem.

3ª Aula - Avaliação geral das pesquisas realizadas nas aulas anteriores.

Seguindo a orientação das outras atividades desenvolvidas em sala de aula, também nesta o professor deve ter a preocupação de esclarecer os alunos quanto à

importância de conhecer mais amplamente a sociedade na qual viviam os autores das obras pertencentes à Escola Literária que será estudada.

Estabelecendo a relação, pois, do meio social como um dos fatores de produção de um trabalho artístico, ao professor cabe orientar os grupos para que, utilizando de “instrumentos efetivos de comunicação”, consigam informar os colegas sobre a influência de um determinado aspecto na composição da sociedade da época. Esses “instrumentos” poderiam ser:

- apresentações em forma de seminário, do tema pesquisado;
- proposta de debates;
- uso variado de meios áudio-visuais;
- músicas da época com mensagens significativas;
- teatro de fantoches;
- representações teatrais etc.

Observação: Nada impede que os grupos, se desejarem, e com o intuito de enriquecer o trabalho, possam utilizar mais de um desses instrumentos, integrando-os para uma melhor exposição do tema.

A hipótese é que, de posse de informações mais variadas sobre um dado período histórico-social, o aluno possa avaliar mais criticamente os componentes de manifestação artística desse período (no caso, realizando “leituras produtivas” de livros pertencentes a determinadas correntes literárias) por meio de um processo eficaz de aprendizagem em que há uma melhor apreensão das informações contidas nas obras de autores românticos, realistas, modernistas etc.

3ª Semana:

1ª Aula - Apresentação e discussão sobre os livros lidos (relação de livros das Escolas Literárias distribuída na 1ª Aula, 3ª Semana do 1º Mês).

2ª Aula - Idem.

3ª Aula - Idem.

4ª Semana:

1ª Aula - Idem.

2ª Aula - Idem.

Seguindo a linha de trabalho e valorizando a criatividade como um dos fatores para aprimorar nos alunos o que eles tenham de “potencial de conscientização”, o professor deve propor a eles que procurem, sobretudo, ser inovadores quanto à apresentação programada para essas aulas. Esta “inovação” pode ser representada por uma maneira de apresentar o livro que, ágil, inteligente e informativa, desperte o interesse dos colegas ao trabalho feito.

Se compete ao professor, pois, alertar a turma para esta preocupação com a criatividade, é de inteira responsabilidade dos alunos a escolha dos meios para passar e trocar as informações “colhidas” nas leituras feitas (representar teatralmente uma passagem do livro é uma boa idéia e é importante para ajudar os alunos a “fixarem melhor” a trama narrativa – e nela a composição dos personagens – como é importante procurar posicionar a obra dentro do contexto social em que foi produzida).

O professor deve oferecer possibilidades de expressão à turma ressaltando “o erro” daqueles que, movidos por uma leitura mal feita ou por aquilo que pareça “menos trabalhoso”, contentem-se em realizar o trabalho – apresentar um livro lido – sem nenhum tipo de novidade, fazendo com que a sala se disperse e, nesta dispersão, não apreenda nada de realmente útil.

Ao professor cabe, também, antes das apresentações, deixar claro os itens que serão avaliados, de acordo com sua linha de trabalho. Esses itens, entre outros, podem ser:

- divisão racional das funções dentro de cada grupo de alunos;
- preocupação com a criatividade na apresentação;
- esclarecimentos quanto a relação entre a obra (produto) e o período histórico respectivo (meio);
- esclarecimentos quanto à composição narrativa (processo de criação baseado nas características de estilo da época);
- análise do conteúdo / forma da obra (divisão das partes, perfil dos personagens principais, trama narrativa, conceitos implícitos, clímax, posição do narrador, tipo de linguagem etc.);
- preocupação em apresentar o trabalho dentro do tempo estipulado para cada grupo;
- análise do contexto da obra e sua relação com a sociedade contemporânea (as “sociedades” se igualam e se diferenciam em quê?)

3ª Aula - Avaliação final das atividades desenvolvidas ao longo do Bimestre. Proposta de um tema a ser discutido:

Um aluno mais consciente (ética e esteticamente) de sua produção escolar.

Como avaliação final da aquisição de uma metodologia de leitura, também literária, o professor deve propor esta discussão com o intuito de observar “quanto” foi apreendido das estratégias desenvolvidas, em sala de aula e fora dela, na intenção de gerar uma leitura mais consciente de que a recepção de obras variadas (e aqui o reaprender a ler) é um processo gradual, rotineiro, prazeroso e mesmo penoso.

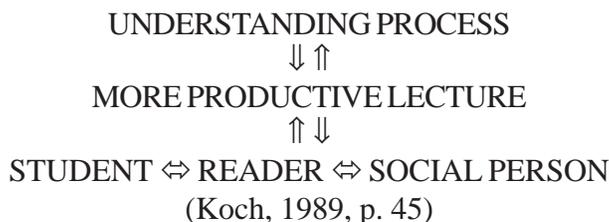
Com a turma, ele deve avaliar os pontos positivos e negativos (e seus porquês), as dificuldades encontradas nesse desenvolvimento e os resultados obtidos, satisfatórios ou não, com vistas a valorizar a figura de um leitor-receptor consciente de sua função

ética e estética na apreensão da leitura feita, que assume, nesta análise, uma forma de instrumento de conscientização social. Para tanto, a discussão deve procurar ser mais uma estratégia inovadora da experiência vivida pela turma – avaliando este momento final como consciente retomada de posição frente a sua realidade sócio-educacional – do que acabar sendo uma mera exigência curricular, em que o que conta, basicamente, é a nota recebida que permite, ou não, passar para a outra série.

Enfim, este é um momento em que o professor deve deixar claro para si próprio e para os alunos que se faz necessária, como opção mesmo de experiência de convívio social mais pleno, uma relação efetiva de ensino-aprendizagem estabelecida em um processo de (re)descoberta da criatividade, nas várias *possibilidades de leitura e interpretação* de uma obra literária, e da consciência educacional como elementos construtores de uma escola e nela, com ela, de um novo aluno. E um novo professor.

TINOCO, R. C. A (productive) reading of literary works in high school: strategies and risks. *Itinerários*, Araraquara, n. 17, p. 109-122, 2001.

- *ABSTRACT: This paper proposes strategies for the teacher to develop, in the classroom, reading activities (more productive and conscience-developing) of literary texts. Those strategies, as shown in the chart bellow, consider the student as a social element inserted in a specific historical moment which is the result of previous and present cultural experiences, conditioned by the rules and means of expression of the languages.*



- *KEYWORDS: Communication; literary reading; reception; formation of ethical-aesthetic conscience; literature and society.*

Referências Bibliográficas

BORDINI, M.G., AGUIAR, V. T. de. **Literatura**: a formação do leitor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CAMACHO, R. G. A variação lingüística. In:____. **Subsídios à proposta curricular de Língua Portuguesa para o 1º e 2º graus**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988. v.I.

KOCH, I.G.V. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1989.

- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1993.
- MARTINS, J. **Um enfoque fenomenológico do currículo**: educação como “poiesis”. São Paulo: Cortez, 1983.
- ORLANDI, E.P. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1989.
- SILVA, E.T. da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

